

documento. É indubitável que existiam médicos na Suméria no terceiro milênio a. C. Um médico de nome Lulu praticou a sua profissão em Ur, a Ur bíblica dos Caldeus, numa data tão recuada como cerca de 2700 a. C. Mas todos os outros textos médicos da Mesopotâmia publicados antes de 1954 eram do primeiro milênio a. C., e estes tratam mais de feitiços e magia do que prôpriamente de tratamento médico. A nova placa traduzida, por outro lado, data do último quartel do terceiro milênio a. C. e a prescrição nela inscrita não contém vestígios de magia ou de feitiçaria. Esta placa, o mais antigo documento médico, é estudada no cap. ix.

CAPÍTULO IX

MEDICINA

A PRIMEIRA FARMACOPEIA

Um médico sumério anônimo, que viveu no fim do terceiro milênio a. C., decidiu um dia coligir e arquivar por escrito, para os seus colegas e para os estudantes, as suas melhores receitas médicas. Preparou uma placa de argila húmida de aproximadamente 16 cm de comprimento e 9,5 cm de largura, talhou em forma pontiaguda a extremidade de um estilete de junco e gravou, em caracteres cuneiformes do seu tempo, mais de uma dúzia dos seus remédios favoritos. Este documento de argila, o mais antigo «manual» de medicina conhecido, jazia enterrado nas ruínas de Nippur há mais de quatro mil anos, quando foi exumado por uma expedição arqueológica e levado para o University Museum de Filadélfia.

Soubemos da sua existência através de uma publicação do meu antecessor no University Museum, Dr. Léon Legrain, *curator emeritus* da Secção Babilónica. Num artigo do *Boletim* do University Museum (1940), intitulado «A antiga farmácia de Nippur», deu-nos ele o resultado duma árdua tentativa de tradução de parte do conteúdo da placa. Mas, com toda a evidência, este trabalho ultrapassava a competência de um simples assiriólogo. A inscrição estava redigida em termos tão técnicos e tão especializados que a colaboração de um historiador de ciências e, mais particularmente, de um químico se impunha. Nomeado conser-

SAMUEL N. KRAMER,
A HISTÓRIA COMEÇA NA SUMÉRIA,
F. P. JANTOS TRAD.

Copiadora

PASTA 49

3 FOLHAS

DATA 16-3-06

vador das colecções de placas do University Museum, era-me muitas vezes possível ir à vitrina onde se encontrava a placa «médica» e levá-la para o meu gabinete, onde a estudava. Muitas vezes tive a tentação de traduzir o seu conteúdo. Felizmente não desisti. Dez vezes, vinte vezes, tornei a colocá-la no seu lugar, esperando o momento propício.

Um sábado de manhã, na Primavera de 1953, um jovem apareceu no meu gabinete. Chamava-se Martin Levey e era químico em Filadélfia. Acabara de se doutorar em História da Ciência e perguntava-me se me podia ajudar a traduzir algumas placas cujo texto se relacionasse com a sua especialidade. Era a minha oportunidade. Uma vez mais, tirei a placa do lugar, resolvido a não tornar a pô-la lá sem ter tentado ao menos um ensaio de tradução. Durante semanas, Levey e eu trabalhámos no texto. Eu limitei-me estritamente à leitura dos sinais sumérios e à análise da construção gramatical. Foi Martin Levey que, pelos seus conhecimentos de tecnologia suméria, tornou legível o que subsiste desta primeira farmacopeia.

Este documento mostra-nos que o médico sumério, para fabricar os seus remédios, tal como o seu confrade actual, recorria a substâncias vegetais, animais e minerais. Os minerais preferidos eram o cloreto de sódio (sal marinho) e o nitrato de potássio (salitre). No que respeita a produtos animais, utilizava o leite, a pele de serpente e a concha da tartaruga. Mas a grande maioria dos seus remédios eram de origem vegetal: de plantas, tais como a canafistula, o mirto, a assa-fétida e o tomilho; de árvores, tais como o salgueiro, a pereira, o pinheiro, a figueira e a tamareira. Os ingredientes eram preparados a partir das sementes, raízes, ramos, casca ou goma dos referidos vegetais e deviam ser conservados, como hoje, sob a forma quer de medicamentos sólidos, quer de medicamentos em pó.

Os remédios prescritos pelo médico compreendiam quer filtrados e unguentos para uso externo, quer líquidos para uso interno. A preparação dos unguentos consistia, regra geral, em pulverizar um ou vários ingredientes, impregnar o pó obtido com vinho *kushumma* e espalhar sobre a mistura obtida óleo vegetal ordinário e óleo de cedro. Na composição de remédios, onde entrava como ingrediente «argila do rio pulverizada», o pó devia ser amassado com água e

mel e, em vez do óleo vegetal habitualmente empregado, era o óleo do «mar»¹ que se espalhava sobre a mistura.

As prescrições relativas aos «filtrados», mais complicadas, eram seguidas do modo de os usar. Para três de entre eles (o texto sumério é bastante claro a este respeito) o processo usado era a decocção. A fim de extrair as matérias procuradas, o médico fazia ferver os materiais em água e adicionava-lhes alcalis e sais, destinados, sem dúvida, a obter uma maior quantidade do extracto. Para separar as matérias orgânicas, a solução aquosa devia ser filtrada, se bem que este processo não seja explicitamente referido em nenhuma das receitas. O órgão doente era tratado com os «filtrados», por aspersão ou por lavagem. Seguidamente era esfregado com óleo, a que eram adicionadas uma ou várias substâncias acessórias.

Tal como se faz hoje para os remédios de uso interno, escolhiam um veículo que facilitasse ao doente a absorção do remédio: usualmente a cerveja. Nela dissolviam os ingredientes, reduzidos a pó, antes de os fazerem beber aos doentes. Em determinados casos a cerveja, bem como o leite, parecem ter sido utilizados para infusão; era então um óleo as matérias orgânicas, a solução aquosa devia ser filtrada, se veículo.

Testemupha claramente esta placa — única fonte de informação que possuímos sobre a medicina suméria do terceiro milénio a. C. — o progresso notável a que a farmacopeia tinha chegado. As diversas operações e processos a que o texto faz alusão revelam, de maneira indirecta, que os Sumérios já tinham profundos conhecimentos de química. São referidas, por exemplo, certas instruções do médico mandando «purificar» os ingredientes antes de os pulverizar. procedimento que exigia várias operações químicas. Noutras «receitas» são utilizados como ingredientes «alcalis em pó»; trata-se provavelmente de cinzas alcalinas obtidas por combustão, numa fossa, de uma das numerosas plantas da família das quenopodiáceas (muito provavelmente a *Salicornia fruticosa* ou *Salicornia lenhosa*), que são ricas em soda. A cinza sódica assim produzida era utilizada no

¹ Não se sabe o que fosse. Seria óleo extraído de algum peixe? (N. do T.)

século VII a. C. e na Idade Média empregavam-na na fabricação do vidro. Facto interessante do ponto de vista químico: duas «receitas» desta placa prescreviam o emprego de um alcali, adicionando-lhe certas substâncias contendo uma grande porção de gorduras naturais, o que permitia obter um sabão para aplicações externas.

Outra substância prescrita pelo médico sumério, o nitrato de potássio, ou salitre, não podia ser obtida sem certo conhecimento de química. Sabemos hoje que os Assírios, numa época mais recente, exploravam os sulcos pelos quais se escoavam materiais nitrogenados de esgoto, a urina por exemplo, e aproveitavam as formações cristalinas que neles se encontravam para isolar delas substâncias que pretendiam obter. O problema da separação dos componentes, os quais compreendiam, sem dúvida alguma, o cloreto de sódio e outros sais de sódio e de potássio e, igualmente, produtos de degradação das matérias nitrogenadas, devia ser resolvido pelo método de «cristalização fraccionada». Na Índia e no Egipto usa-se correntemente um velho método que consiste em misturar cal ou restos de velha argamassa com uma substância orgânica nitrogenada em decomposição, para formar nitrato de cálcio, o qual é em seguida lixiviado e depois fervido com a cinza de madeira, que contém carbonato de potássio, para obter, finalmente, o salitre por evaporação.

De certo ponto de vista, o nosso velho texto é decepcionante. Ele omite a indicação do nome das doenças às quais os remédios se aplicavam, ficando nós, portanto, sem possibilidade de avaliar o seu valor terapêutico. Os remédios eram provavelmente de pouca eficiência, pois a medicina suméria não parece ter procedido à sua experimentação e verificação. A escolha de um grande número de drogas não tinha, com certeza, outro fundamento que a confiança imemorial dos antigos nas propriedades odoríferas das plantas. Certas prescrições tinham, todavia, o seu lado positivo: a fabricação dum detergente, por exemplo, não deixava de ter valor. E substâncias tais como o sal e o salitre eram eficazes, a primeira como anti-séptico e a última como adstringente.

Estas «receitas» sumérias pecam também por uma outra omissão não menos flagrante: não especificam as quanti-

dades respectivas das substâncias utilizadas na composição dos remédios, nem as doses e a frequência da aplicação dos mesmos. Pensa-se que isto provém do «ciúme» profissional e que o nosso médico tenha omitido voluntariamente estes dados quantitativos, a fim de proteger os seus segredos dos concidadãos não médicos e talvez também dos seus colegas. Mais provavelmente, os pormenores quantitativos não deviam parecer importantes ao redactor sumério das «receitas», dado que se podiam sempre determinar, de maneira mais ou menos empírica, no momento da protecção e da ministração dos remédios.

É interessante notar que o nosso médico sumério não recorreu nem a fórmulas mágicas nem a práticas de feitiçaria. Nenhum deus, nem nenhum demónio são mencionados no seu texto. Isto não significa que o emprego de feitiços ou de exorcismos para curar doentes fosse desconhecido dos Sumérios no terceiro milénio a. C. Pelo contrário, tal prática sobressai com evidência do conteúdo dumas sessenta pequenas placas cobertas de textos de magia e como tal designados pelos autores das inscrições. Como os Babilónios mais tarde, os Sumérios atribuíam numerosas doenças à presença de demónios malfazejos no corpo dos doentes. Uma meia dúzia destes demónios são expressamente indicados num hino sumério dedicado à divindade protectora da arte médica, a deusa Bau, designada ainda sob os nomes de Ninisinna ou Gula e descrita como «grande médico dos homens de cabeça negra» (os Sumérios). Contudo, o facto mais digno de nota continua a ser que o nosso documento de argila, a mais antiga página de um texto de medicina até hoje descoberta, não apresenta quaisquer elementos místicos e não racionais.

A descoberta de uma placa com um texto referente à medicina datada do fim do terceiro milénio a. C. foi uma surpresa para os próprios especialistas da escrita cuneiforme, dado que o primeiro «manual» que se esperava encontrar não era de medicina, mas de agricultura. Com efeito, a agricultura era a base da economia da Suméria, a fonte principal da sua riqueza e do seu bem-estar. Os métodos e técnicas agrários estavam altamente desenvolvidos muito antes do terceiro milénio a. C. Mas o único «manual» agrícola encontrado só data do segundo milénio a. C. Vamos estudá-lo no cap. x.